

A IMPORTÂNCIA DE IŠTAR NA LEGITIMAÇÃO DA GUERRA E DO PODER REAL NA MESOPOTÂMIA

Francisco Caramelo

Ištar é uma das divindades mais importantes na religião mesopotâmica e no panteão sumério-acádico. A sua identificação com a deusa suméria INANNA (INNIN) reflecte o fenómeno de sincretismo religioso que atravessa as teologias e as práticas religiosas na Mesopotâmia. A morfologia de INANNA poderá ser explicada pela expressão suméria NIN.AN.AK¹, que significa «senhora do céu». Efectivamente, ela é Dilbat (Vénus) e surge associada a outras divindades astrais como NANNA (Sin, deus identificado com a Lua), o seu pai, e como UTU (Šamaš, identificado com o Sol)², o seu irmão, também elas divindades maiores do universo religioso da Mesopotâmia.

Trata-se de uma divindade claramente ambivalente. Da religião suméria, emana uma INANNA em que se valorizam como aspectos essenciais o

¹ O elemento NIN, que podemos traduzir por «senhora», encontra-se noutros exemplos de onomástica divina, como é o caso de NINLIL (Mullissu), esposa de ENLIL. NINLIL pode corresponder a «senhora (do) vento». A sintaxe apresenta-se mais completa em NIN.AN.AK porque AK corresponde a uma partícula genitival que estabelece a relação entre os dois elementos da expressão, «senhora» (NIN) e «céu» (AN). Este último (AN) é mais complexo e ambivalente, do ponto de vista semântico, na medida em que pode significar, consoante o contexto: 1) um nome divino, AN (Anu), um dos deuses primordiais; 2) a designação do céu, uma das partes essenciais da visão cosmológica para os mesopotâmios; 3) um elemento de classificação semântica que precede todos os nomes divinos.

² Nikkal é a sua mãe e Ereškigal, a senhora do mundo subterrâneo, o lugar que acolhe os defuntos, é a sua irmã. É interessante esta antinomia que relaciona as duas deusas. Ištar / INANNA é uma divindade com atributos ligados ao amor, à feminilidade e à sexualidade; já Ereškigal é a obscura governante do mundo subterrâneo, uma espécie de *sheol*, lugar poeirento, sem luz e sem vida, última morada dos defuntos. Esta antinomia é ilustrada de forma categórica num texto sumério-acádico que ficou conhecido como «A descida de INANNA / Ištar ao mundo subterrâneo» e onde se torna evidente que a ausência de Ištar do mundo dos vivos representa a degenerescência e morte, mostrando-a também assim como uma divindade ligada à vida e à sua renovação.

seu carácter astral e a sua vertente sexual, todavia, a partir do final do III milénio a.C., no contexto das migrações amorritas, emerge uma divindade, Ištar, que, identificando-se com a deusa suméria, emula os seus atributos e apresenta novas características que reflectem a idiossincrasia característica do homem semita. Ištar / INANNA facilmente se tornará uma das divindades cimeiras entre os semitas, incluindo o mundo semita ocidental, onde se impõe como Astarte, cujo culto tem repercussões na própria Bíblia.

Ištar, não repudiando os atributos de INANNA, e, pelo contrário, integrando-os na sua teologia, irá, no entanto, valorizar outros aspectos igualmente relevantes para a ideologia mesopotâmica, todos eles sistematizados em torno da guerra e da protecção da realeza, alcançando a sua expressão superlativa na teologia assíria. A verdade é que o seu perfil divino se revela complexo no plano teológico, procurando sintetizar aspectos psicológicos e sociológicos aparentemente contraditórios, mas, a nosso ver, isso é o resultado da necessidade de encontrar respostas para a legitimação total do rei e da sua missão *civilizadora*.

A iconografia, a literatura e a expressão escrita e fixada dos oráculos proféticos ilustram com profusão os distintos estereótipos de Ištar na Mesopotâmia. Na teologia assíria, a unidade, a coerência e a harmonia destes atributos seria algo de natural e perfeitamente inteligível. Somos nós, ao fazermos a análise, que sentimos a necessidade de os caracterizar separadamente, no entanto, não devemos perder de vista a totalidade e a unidade, imanentes na sua hermenêutica interna.

O primeiro estereótipo assenta na valorização dos aspectos femininos, dos atributos físicos da deusa, culminando no rito sumério-acádico do casamento sagrado (hierogamia). Alguns exemplos paradigmáticos desta expressão são explorados, designadamente, na lenda de Sargão, onde Ištar se apaixona pelo futuro rei de Akkad e também na *Epopéia de Gilgameš*. Numa autobiografia³, é o próprio Sargão que declara:

a-na-ku ša-ru-ki-in
na-ra-am ^dINANNA

Eu sou Sargão,
Amado por INANNA

³ Trata-se de um género pseudo-autobiográfico que foi abundantemente explorado na literatura mesopotâmica. Vd. Joan Goodnick Westenholz, *Legends of the Kings of Akkade*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1997, pp. 34-35.

Esta é, no entanto, uma fraseologia que se repetirá, doravante, em muitas outras expressões da ideologia real⁴. A lenda do nascimento de Sargão⁵ corrobora esta ideia:

^d*Iš-tar lu-u i-ra-man-ni-ma*

Ištar apaixonou-se por mim

É este amor que a deusa nutre pelo seu favorito que justificará a sua eleição e a sua entronização, legitimando assim a sua realeza. Na *Epopéia de Gilgameš*, algumas passagens alusivas à condição física de Ištar pressupõem a mesma construção retórica e ideológica. A deusa diz estar esgotada, os seus traços já não são recuperados pelo sono reparador, o rosto encontra-se abatido, sintomas do sacrifício que impõe a si própria em nome do seu amor por Gilgameš⁶.

Nos oráculos neo-assírios, onde Ištar desempenha um papel fundamental na comunicação profética e assume na plenitude o seu lugar na religião assíria, encontramos igualmente a expressão desta dimensão mais física e feminina:

Vagueio pela estepe, pedindo pela tua vida. Atravesso continuamente rios e mares, cruzo incessantemente montanhas e montanhas. Atravesso constantemente todos os rios. Secas e chuvas consomem-me insistentemente e afectam a minha bela aparência. Estou exausta, o meu corpo está extenuado por tua causa⁷.

São evidentes os aspectos de intertextualidade que relacionam este texto com a *Epopéia de Gilgameš*. Valorizando-se a sensibilidade feminina, a atenção é focalizada no aspecto físico e na aparência de Ištar que, no entanto, garante que o sacrifício é em nome do rei, destinatário da profecia.

A iconografia mesopotâmica oferece alguns exemplos que ilustram também este estereótipo. Esta imagem, num vaso de cerâmica de Larsa, remontando a cerca de 1700 a.C. (Museu do Louvre), é paradigmática da expressão da feminilidade de Ištar, cuja nudez é representada a par de elementos que identificam a divindade, designadamente a coroa divina e as asas que pendem no seu corpo.

⁴ Anais, inscrições, poesia.

⁵ Joan Goodnick Westenholz, *op.cit.*, pp. 40-41.

⁶ A este propósito, cf. Francisco Caramelo, *A linguagem profética na Mesopotâmia (Mari e Assíria)*, Cascais, Patrimonia, 2002, p. 300.

⁷ A tradução é nossa. SAA 9, 9. Cf. *Idem*, pp. 206-207.



Expressão máxima deste estereótipo e da relação amorosa entre Istar e o seu favorito é, como afirmamos já, o rito do casamento sagrado. Num hino que Assurbanípal dedica a Istar de Nínive⁸, o poeta alude à chegada da deusa e ao júbilo que provoca entre os seus pares e, em seguida, descreve os momentos que antecedem o rito:

O rei está vestido com roupas asseadas e colocou um fato magnífico. Assurbanípal chega, entre oferendas sagradas e puras. Vinho doce, digno de divindade, cerveja demasiado forte para reis! Para se dirigir à sua Casa Akitu⁹, ela pôs os arreios no seu carro, demasiado imponente para reis. Ele concluiu as oferendas, ela dirigiu-se para o templo do seu desejo¹⁰.

O rito do casamento sagrado era celebrado anualmente, no início de cada ano, comemorando e renovando a realeza. A união entre a deusa e o seu favorito sustentava a legitimação do poder real.

<http://arethuse1.free.fr/detail.php?nom=00309> [15-02-04]

Em conclusão, neste primeiro estereótipo, valoriza-se a dimensão erótica e sexual, destacando os atributos físicos e a feminilidade de Istar. Nunca se perde de vista, no entanto, o papel da deusa no processo de legitimação e de protecção do rei, seu favorito, seu amado e seu eleito. A relação passional

⁸ Cf. SAA 3, 7 in Alasdair Livingstone, *Court Poetry and Literary Miscellanea*, Helsinki, Helsinki University Press, 1989, pp.18-20.

⁹ A Casa Akitu era o lugar sagrado em que se realizava o rito, que ocorria no início do novo ano.

¹⁰ Trata-se de *lalû*.

entre a deusa e o rei é a expressão dessa protecção, alimentando toda uma construção retórica que se desenvolve em torno dessa ideia.

O segundo estereótipo assenta na ideia da maternidade divina. Embora Ištar não seja geralmente apresentada como a mãe que gera, explora-se a ideia da mãe que cria. O hino que Assurbanípal dedica às Ištares de Arbela e de Nínive¹¹, dois bastiões do culto assírio desta divindade, desenvolve algumas destas ideias:

Não conheci pai nem mãe, cresci no colo das minhas deusas.

(...)

Eu sou Assurbanípal, a criação das mãos dos grandes deuses.

(...)

A Senhora de Nínive, a mãe que me criou, dotou-me com uma realeza sem igual; a Senhora de Arbela, que me criou, destinou-me uma vida duradoura.

A poesia explora esta temática da filiação divina, valorizando a ideia do desconhecimento dos verdadeiros progenitores, da adopção e da protecção divina adveniente.

Os oráculos proféticos exploram também este tema:

Não confies na humanidade! Levanta os teus olhos! Olha para mim! Eu sou Ištar de Arbela! Reconciliei Aššur contigo. Tu eras pequeno e eu tomei-te para mim. Não temas! Louva-me! Qual o inimigo que te atacou, permanecendo eu em silêncio?¹²

Esta desconfiança relativamente à humanidade encontra eco em diversos oráculos do *corpus* profético neo-assírio. Do ponto de vista teológico, a esta desconfiança corresponde, como alternativa, uma atitude de entrega a Ištar, que assume aqui atributos decisivos na lógica da comunicação profética, como a protecção e a reconciliação. Estes atributos pressupõem aspectos de mediação e de intercessão entre dois planos distintos, o rei e Aššur, a divindade máxima no panteão assírio.

Esta ideia de protecção maternal é concretizada através do recurso às imagens da parteira e da ama de leite.

Sou a tua grande parteira! Sou a tua excelente ama de leite!¹³

As duas figuras desempenham papéis que traduzem a relação maternal e muito intensa que une Ištar ao seu protegido. Preserva-se, no entanto, a ideia

¹¹ SAA 3, 3. Cf. A. Livingstone, *op.cit.*, pp. 10-13.

¹² A tradução é nossa. SAA 9, 1.4. Cf. Francisco Caramelo, *op.cit.*, p. 185.

¹³ A tradução é nossa. SAA 9, 1.6. *Idem*, p. 186.

de maternidade genuína. Ištar assume estas qualidades sem se afirmar como mãe verdadeira do seu escolhido. Há uma linha que não é ultrapassada, ainda que, por vezes, se observe uma certa ambiguidade ou se assista a uma formulação que parece pretender ir mais longe:

Eu sou Assurbanípal, o seu favorito, a preciosa semente de Aššur, descendência de Nínive (...) ¹⁴.

Podemos sempre dizer que constitui a expressão poética da filiação divina. Como já referimos, Aššur é a divindade mais importante do panteão assírio e Nínive alude, neste contexto, a NINLIL / Mullissu, por vezes identificada com Ištar de Nínive. A legitimação da realeza adquire a sua expressão mais elevada na afirmação da filiação divina, mesmo que esta seja uma construção retórica.

O terceiro estereótipo explora os aspectos bélicos de Ištar. É o estereótipo mais comum e que produz uma imagética mais abundante, bem como uma profusão de referências literárias. A exploração deste estereótipo leva a que Ištar assuma algumas características masculinas:

Como Aššur, ela usa uma barba e está vestida de forma refulgente (...). A coroa, na sua cabeça, reflecte como as estrelas; os discos cintilantes nos seus peitos resplandecem como o sol ¹⁵.

A barba é um atributo masculino. Para além disso, a deusa surge frequentemente representada com músculos muito desenvolvidos e em posturas bélicas:



http://www-oi.uchicago.edu/OI/MUS/HIGH/OIM_A27903_72dpi.html [15-02-04]

¹⁴ SAA 3, 3. Cf. A. Livingstone, *op.cit.*, pp.10-13.

¹⁵ SAA 3, 7. *Idem*, pp.18-20.

É o caso deste selo-cilindro, da época de Naram-Sin ou Sharkalishari (cerca de 2254-2193 a.C.). Ištar é representada na sua pose mais comum, fortemente armada, prendendo o leão com a mão direita, o animal que lhe está associado¹⁶, e impondo-lhe a sua perna musculada em sinal de submissão, com uma cimitarra na mão esquerda e apresentando armas que sobressaem atrás dos ombros. As asas estão abertas em sinal de vitória, ao contrário da imagem anterior em que se mostravam descaídas, traduzindo uma atitude diferente e uma postura que claramente não era bélica.

Na poesia, exacerbam-se as características bélicas e o poder militar de Ištar:

· Não com a minha própria força, não com o poder do meu arco, mas com a força e com o poder das minhas deusas, obriguei os países desobedientes a submeterem-se ao jugo de Aššur.

Assurbanípal, no já citado hino às Ištares de Nínive e de Arbela¹⁷, põe mais uma vez em confronto a força humana e o poder divino, o que, como vimos, tem uma leitura teológica. A teologia e a ideologia são, no entanto, indissociáveis no pensamento e na idiossincrasia que caracterizam a civilização mesopotâmica. Se as palavras do hino traduzem a limitação da força humana, quando comparada com o poder divino, a verdade é que o fazem também para evidenciar a eleição e a protecção de Assurbanípal. Daqui resulta que, com o auxílio de Ištar, o rei assírio chamará a si o domínio sobre todos os países:

Elas decretaram-me, como destino, o exercício do domínio sobre todas as regiões habitadas e obrigaram os seus reis a curvar-se aos meus pés¹⁸.

Este terceiro estereótipo explora, por conseguinte, uma imagem mais masculinizada e bélica de Ištar, levando mais longe e de uma forma mais clara a promessa de protecção, bem como a afirmação mais agressiva de conquista e de domínio sobre o *outro*.

¹⁶ Eram vários os deuses mesopotâmicos que tinham animais, reais ou imaginários, associados, o que talvez significasse a necessidade de reforçar o seu poder ou, indo um pouco mais longe, reflectisse o aspecto zoomórfico remoto dessas divindades.

¹⁷ Cf. supra, nota 11.

¹⁸ O mesmo hino.

Conclusão

Os três estereótipos que aqui analisámos reflectem uma relação muito estreita, do ponto de vista narrativo, entre a iconografia, a produção literária, sobretudo a poesia, e a produção oracular (na sua fixação escrita¹⁹). A sua exploração, com recurso a estes diferentes *media*, mostra que se pode falar numa retórica visual e numa retórica verbal, ambas acusando a mesma origem (o Palácio), a mesma visão ideológica e a mesma função. No registo literário, como no registo visual, é notório que textos e imagens são atravessados por uma intertextualidade que os aproxima e que lhes confere uma certa unidade e coerência internas, tanto no plano da linguagem como no plano ideológico.

Os três papéis que foram objecto da nossa abordagem fundem-se na hagiografia de Ištar, embora, como vimos, seja possível perceber uma valorização maior deste ou daquele aspecto, nunca se perdendo de vista, no entanto, a mensagem fundamental, que consiste na legitimação da realeza. Apesar deste cruzamento de atributos em Ištar, uma trifuncionalidade que correspondia decerto a necessidades, inquietações e questões de ordem teológica e ideológica, é possível que estes papéis ou estereótipos reflectissem um estágio remoto em que eram independentes, tendo-se verificado progressivamente, mercê do sincretismo religioso que caracteriza a religião mesopotâmica, a sua fusão numa só divindade.

Ištar revela-se assim uma divindade complexa e versátil, verdadeiramente polivalente, e, talvez por isso, aquela que desempenha um papel fulcral na comunicação profética e na mediação entre o rei e a divindade tutelar. Como figura feminina, sintetizando os papéis de mulher apaixonada ou de mãe dedicada, justificava naturalmente a protecção do seu favorito. Como mãe, mesmo que adoptiva, ou como ama de leite, compreende-se melhor o seu papel de mediação e de intercessão junto de Aššur. A guerra era apenas a expressão dessa protecção levada ao extremo. O rei desempenha o papel do herdeiro, daquele a quem compete preservar e expandir o domínio universal de Aššur e cumprir uma missão verdadeiramente *civilizadora*.

¹⁹ Uma vez que, pelo menos no plano teórico, devemos distinguir o oráculo do registo escrito, por vezes estereotipado, que o fixa. O oráculo encaixa-se nos estereótipos literários transformando-se em texto profético.